

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL  
DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Periodicidade: Incluindo o Suplemento semanal,  
Lisboa, mês 500. Preço: 500, 5 meses 250.  
África Portuguesa, 6 meses 700; Espanha,  
6 meses 1000.

SÁBADO, 14 DE FEVEREIRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VI — N.º 1909

# A BATALHA

## UMA JORNADA GLORIOSA DO POVO DE LISBOA

**Mais de 80.000 pessoas — trabalhadores manuais e intelectuais — foram ontem a Belém manifestar perante o Chefe de Estado a sua repulsa pelas afirmações do parlamento, onde se derrubou um governo por ter dito que "a guarda republicana não foi feita para fusilar o povo" e que estava "ao lado dos explorados contra os exploradores" O Povo de Lisboa está disposto a não se deixar dominar pelas "fôrças vivas"! A manifestação grandiosa que ontem se realizou apontou ao parlamento e aos governos o verdadeiro caminho: "Pelos explorados contra os exploradores"!**

**Que os futuros governos e os deputados acatem as eloquentes indicações que o povo lhes dá. Senão... não!**

O Povo de Lisboa, em muitos milhares de pessoas, podendo calcular-se em mais de oitenta mil, foi ontem a Belém significar ao Presidente da República o seu protesto por se ter posto termo à situação política José Domingues dos Santos, pelo facto desse ter afirmado que o seu governo estava ao lado dos explorados contra os exploradores e que a Guarda Nacional Republicana não tinha sido criada para espingardear o Povo. Teve ocasião o Presidente da República de defrontar a multidão e aperceber-se bem da sua importância e grandiosidade. Embora os jornais das "fôrças vivas" lhe digam hoje que na manifestação não tomaram parte senão algumas dúzias de bandidos que deveriam estar nas cadeias, o sr. Teixeira Gomes sabe bem que não é esta a verdade, porque viu bem com os seus próprios olhos, ouviu com os seus próprios ouvidos, como essa multidão, numerosíssima, soube manter-se com uma grande correcção e até verdadeira cordealidade para com o chefe do Estado, que

não podendo ser para todos a expressão do seu credo político ou social, representava a República ameaçada pela reacção e que ele encarna na sua mais sincera aspiração de liberdade e de progresso.

Estão nitidamente postos os dois campos: a um lado os explorados, pretendendo exercer influência no Estado, tentando tomar conta do poder, para servir os seus interesses particulares, que são diametralmente opostos aos interesses da população; a outro lado os explorados, sentindo que a República será um miserável ludibriu para os próprios republicanos se se prestar ao jôgo da finança, do alto comércio e da indústria e dispondendo-se a exercer toda a pressão que poderem para que a República não desça a essa situação infamante. Unem-se os reacionários e isso nos leva, aos elementos populares, a unirmo-nos também. Até que ponto vai a nossa aliança? Não sabemos ainda. Mas, arrastados pelos acontecimentos, pelo próprio risco que estão correndo as liberdades pú-

blicas, não podemos neste momento cada um de nós marcar nitidamente a nossa posição, pretendendo impôr aos outros os nossos princípios, os nossos processos de luta, os nossos meios de acção. Confundimo-nos um pouco na mesma massa, que é a multidão inquieta, pelas preocupações do futuro e disposta a todos os sacrifícios para assegurar um pouco mais de bem estar e liberdade.

Tudo isso resulta da manifestação de ontem. Firmou-se um pacto entre todos os explorados contra os seus exploradores. O Presidente da República poderá amanhã testemunhá-lo a todos os políticos que queriam levá-lo a organizar um gabinete das direitas contra os interesses da população. Para que o soubesse, para que sentisse bem viva e palpável a aspiração da massa popular, é que essa manifestação se fez. O povo cumpriu assim o seu dever, dando uma indicação clara e precisa ao sr. Presidente da República. E estamos certos que o sr. Teixeira Gomes cumpriu também o seu aceitando-a.

### Como decorreu a manifestação

**O mau tempo ameaça o êxito do protesto contra as "fôrças-vivas"**

O pior inimigo das manifestações públicas é o mau tempo. Não há ninguém que não hesite, por muito arreigadas que sejam as suas convicções, perante simples nuvens ameaçadoras que obscureçam o azul limpo do céu.

Ontem, a manhã apresentou-se tempestuosa. Vento rijo, chuva torrencial. Cada pessoa que tencionava incorporar-se na manifestação promovida pela União dos Interesses Sociais disse, para consigo: "Com este tempo pouco gente se arriscará a passar em plena rua. É preciso que me arrisque eu, para salvar a situação". E cada um convenceu-se de que seria no Terreiro do Paço o único manifestante.

Mas, logo surgiram vários rapazes e operários distribuídos, indiferentes à chuva que os encharcava, manifestos, convidando o povo a manifestar-se contra as "fôrças-vivas" e contra o parlamento que as apoia. Este manifesto reanimou os ânimos. O tempo, porém, é que não convenceu — e durante toda a manhã chover, choveu, como se o Padre Eterno, seguindo o exemplo de certos deputados, se tivesse passado para o lado dos exploradores, a fim de impedir que os explorados se manifestassem...

**A paralisação do trabalho — No Barreiro, nos Arsenais e obras tudo parou**

Quando bateu meio dia, a chuva persistia em cair cruelmente. Mas o operário decidido a hesitar: valia mais apanhar uma mochila do que dar às "fôrças-vivas" uma impressão de fraqueza popular. E abandonou o trabalho. As classes marítimas, logo de manhã, haviam parado. Os cais e entrepostos do porto de Lisboa ofereciam um aspecto de grande desolação e abandono. Oficinas e fábricas, Arsenais do Exército e da Marinha e outras indústrias cessaram o trabalho ao meio dia. Os meios fabris de Alcântara e Poço do Bispo ofereciam um espetáculo novo, pois os operários invadindo as ruas, comentavam a actual situação com entusiasmo, onde não faltava a ironia irreverente e gaia, com que os exploradores e os seus serventários eram minados.

As oficinas ferroviárias do Barreiro pararam por completo, tendo os vapores que atravessavam o Tejo navegado, sob um carregamento humano desusado e, por vezes, perigoso, devido à agitação. Tudo convergia para a Praça do Comércio, local de onde devia partir a manifestação.

A direcção da Associação do Pessoal da Imprensa Nacional fez distribuir um manifesto convidando o pessoal a comparecer no Terreiro do Paço, em harmonia com a determinação da U. S. O., e todo o pessoal abandonou o trabalho ao meio dia.

Pode dizer-se que, apesar do tempo não dar mostras de aliviar, o operariado de Lisboa abandonou o trabalho. Os operários que trabalham nas obras do Banco do Minho, convidados por uma comissão a seguir o exemplo dos seus camaradas, acederam imediatamente.

**Apesar dos jornais dos exploradores trocarem as horas, a multidão aglomera-se no Terreiro do Paço**

Pelas 13 horas já se encontravam no Terreiro do Paço alguns milhares de manifestantes. Sob a chuva impiedosa não arradavam pé. Comentando acríticamente as fôrças vivas, a multidão aumentava constantemente. Muitos preguntavam a que horas, final, partia a manifestação. Havia jornais que anunciam para as 16 horas. O S. E. o órgão das fôrças vivas, duvidava até

da sua realização, a fim de estabelecer a desorientação no espírito do povo.

Às 14 horas já no Terreiro do Paço se encontravam mais de 20.000 pessoas. Chegaram então os delegados que compunham a comissão que iria entregar a representação da União dos Interesses Sociais ao Chefe do Estado.

A 15 menos um quarto, a manifestação se pôs em marcha pela rua do Arsenal. Foi quando ela se alongou pela rua fora que se verificou a sua impotência.

**O povo dos arredores acorre em massa a Belém**

Entretanto, pouco mais ou menos à mesma hora, de Pedrouços, Algés, Cruz Quebrada, Dafundo e ate de Caxias e de Oeiras, grupos numerosos de operários partiam em direcção a Belém.

O tempo aliviou um pouco. Lentamente na vasta praça de Belém alguns milhares de pessoas foram-se aglomerando, à espera da manifestação.

Em Alcântara também muita gente aguardava o grosso dos manifestantes.

Pelo trajecto, as esquadras da polícia estavam encerradas, o que contribuiu poderosamente para a boa ordem que se manteve até final.

**A suplemento de "A Batalha" de ontem causou sensação**

E a manifestação, muito serena, continuava agora pelas ruas de São Paulo e Bairro. Quando a cabeça do cortejo chegou ao Conde Barão ainda a cauda passava no Corpo Santo.

Foi neste momento que a serenidade do cortejo foi alterada por um incidente agradável. Os vendedores dos jornais surgiram apregoados:

— A Batalha!  
— O suplemento de A Batalha!

A multidão agitou-se. Houve atropelos. E o Suplemento, que publicámos ontem,

saiu precisamente àquela hora, voava de mão em mão, pondo notas alegres e claras na nuvem negra de gente que seguia a caminho de Belém.

**O cortejo assume proporções grandiosas**

Pela Junqueira, o cortejo era impressionante. Já se lhe haviam juntado os operários que o esperavam em Alcântara. Quem, como nós, espereitas de Santo Amaro, só veria por toda a extensa rua da Junqueira, um rio caudaloso de cabeças e chapéus de chuva. Não se sabia onde principiava nem onde acabava a onda humana, a grande vaguea dos explorados, da "malta" como as "fôrças vivas" lhes chamaram!

E comentava-se:  
— Nunca se realizou uma manifestação como esta!

— Exclamava-se:  
— E' formidável!  
— E' imponente!

Parce que todo aquele povo teve naquele momento a consciência da sua força.

**A imponente chegada da multidão em frente do Palácio de Belém**

Quando, finalmente, a multidão chegou ao vasto largo em frente do palácio de Belém, já a aguardava outra multidão, cujo número alguém computava, em 20.000 pessoas. Como um rio caudaloso que se despenha num estuário amplo, o povo inundou o largo, cobrindo-o, encherendo, num rumor soturno de milhares de vozes que conversam, lembrando o ruído constante e imponente das vagas alterosas do Oceano. Era impressionante!

Na entrada do honra do Palácio juntaram-se os membros da comissão da União dos Interesses Sociais, formada por Rozeno José Viana, Amadeu de Moura, drs. Campos Lima, Sobral de Campos, Ramada Curto, Amâncio de Alpoim, Miguel Correia

e outros. Virginia da Silva, operária dos Tabacos, coberta de casas e de sofrimentos, também lá estava, mostrando a sua face simpática que os anos e as belas coleras contra a sociedade capitalista cobriram de rugas.

**A comissão da U. I. S. entra no palácio da presidência**

A comissão entrou para a sala das Bicas, onde a aguardava o sr. Barreto da Cruz, chefe do protocolo. Ao subir as escadas acalafadas, o dr. Reis Santos exclamou com ironia:

— A lama não nos poupou! Vieram a pé. Depois do sr. Barreto da Cruz ler, como era de praxe, a representação de que a comissão era portadora, abriram-se as portas da sala, vendo-se, ao fundo, o dr. Teixeira Gomes acompanhado dos seus secretários.

Após ter cumprimentado, um a um, os membros da comissão, o Presidente da República demorou-se um pouco a conversar com Virginia da Silva, que lhe manifestou o seu desagrado pela maneira como a imprensa se referia aos assuntos operários e defendia os exploradores.

O dr. Teixeira Gomes disse-lhe, sorrindo:

— A imprensa é uma armá de dois gumes. Faz bem e faz mal...

**A leitura da mensagem da U. I. S. perante o Chefe do Estado**

Após breves palavras de preâmbulo, o dr. sr. Reis Santos, leu então a mensagem:

“O povo de Lisboa, e nomeadamente as agremiações republicanas, o partido socialista, o partido comunista, a organização operária pelo seu organismo local U. S. O., o comité dos partidários da I. S. V., que constituem a União dos Interesses Sociais, veem junto de V. Ex.º significar o seu mais

sincero, consciente e energico protesto contra o facto de se fazer cair um governo (seja ele qual for) pelo motivo de éste afirmar que "a Guarda Nacional Republicana não existe para espingardear o Povo", e de que "se encontra ao lado dos explorados contra os exploradores".

E mais vem significar a V. Ex.º que este povo está unido no forte e decidido apoio para defesa deses bem limpídos e sagrados princípios em que certamente a mesma G. N. R. honradamente comunga.

Excelência: O povo de Lisboa, ao manifestar-se dentro das mais legítimas bases dum verdadeira democracia e dos seus mais indestrutíveis direitos, sente, ao proceder assim, o dever de significar também a V. Ex.º que plenamente confia em que as altas virtudes morais e intelectuais do Chefe do Estado saberão inspirá-lo no sentido destas manifestação e convencê-lo de que não será d'ora avante possível querer governo que defende os princípios opositos, ou seja: "Que a G. N. R. se fez para espingardear o povo". "Que se deve governar ao lado dos explorados contra os exploradores".

Seguem as assinaturas do dr. Reis Santos, Martins Santareno, Amadeu Moura, dr. Sobral de Campos, António Monteiro, Augusto Dias da Silva, dr. Amâncio de Alpoim, Rozendo José Viana, João Pedro dos Santos, Júlio Luís, José Santos, Miguel Correia, Celestino de Vasconcelos, Bento Nunes Godinho, António José Figueiredo.

Durante a leitura o Chefe de Estado, que a escutou em silêncio, mostrava-se visivelmente comovido. Em seguida disse:

— Sinto uma grande alegria ao ver a grandiosa manifestação do povo de Lisboa.

Declarou que acederia se o seu "viva à república" fosse correspondido.

Quando o dr. Teixeira Gomes assumiu, acompanhado pela comissão, nos tabuleiros superiores do jardim, uma formidável salva de palmas reboou por todo o largo. E as palmas persistiram durante o curto trajecto que o presidente da república fez até à varanda.

Toda a multidão se agitava, como um mar encapelado. E nas pontas das bengalas e dos chapéus de chuva levantados ao alto, milhares de exemplares de A Batalha iluminavam como pendões de guerra. Era uma homenagem justa e eloquente ao único jornal que defende os interesses sagrados do povo e que não está enfeudado as oligarquias exploradoras.

Mais de 80.000 pessoas — há quem afiance maior ainda o número dos manifestantes, o que nos parece também, embora não queiramos exagerar — ergueram ao mesmo tempo a voz, num grito unísono e prolongado, um grito que era mais do que um viva à república, um viva ao povo explorado, à humanidade sofrida.

Comovidamente, o dr. Teixeira Gomes abraçou Virginia da Silva, beijando-a, respeitoso, na frente.

Este espetáculo comovedor foi coroado de aclamações vibrantes; agitavam-se os chapéus, os braços, numha mobilidade dum formigueiro enorme, fantástico, como não existe senão em sonhos.

**A manifestação dispersou ordeiramente — A C. G. T. e "A Batalha" vitorias**

A pedido do Chefe do Estado, o dr. Sobral de Campos reproduziu ao povo as palavras que o dr. Teixeira Gomes proferira momentos antes na sala, perante a comissão da U. I. S., terminando por dizer aos manifestantes que dispersassem com a mesma ordem com que haviam chegado até

ali.

E a multidão começou a desbandar, agitando no ar os exemplares de A Batalha,



A multidão em frente do palácio de Belém protestando contra a atitude do parlamento e das "fôrças vivas".

dando vivas à Confederação Geral do Trabalho, à *Batalha*, à República e ao Povo Trabalhador.

E assim terminou mais uma gloriosa jornada do povo de Lisboa, sempre pronto a lutar pela causa da Liberdade e da Justiça.

Que esta manifestação—tão grandiosa, tão eloquente pela sua serenidade e ordem—aproveite aos exploradores que falam em nome do país e aos deputados que fazem o júgo dos exploradores.

#### Notas soltas

A manifestação foi dum grande impôsito. É inútil, é impossível pensar em diminuir-la.

Algumas opiniões: O dr. sr. Reis Santos declarou que desde o enterro de Heliódoro Salgado ainda se não produziu outra que se lhe pudesse comparar.

Um velho e prestigioso democrata afirmou que desde 1890 nenhuma teve um tão grande concurso de povo.

\*\*\*

A um político ouvimos dizer ontem, na *Brasileira do Chiado*, que já tinha visto muitas manifestações populares para derrubar ministérios, mas que esta era a primeira que se tinha feito para protestar contra a queda dum governo. Fechou as suas afirmações dizendo que a manifestação tinha dado no Parlamento um cheque formidável.

\*\*\*

Desta vez, os jornais monárquicos, com *O Dia* à cabeça, entregaram-se a detestáveis e desleais processos de jornalismo para deprimir a manifestação. *O Dia* diz que viu no Terreiro do Paço uns grupos de reduzido número... e nada mais. O mesmo jornal refere que em Belém, quando o Chefe de Estado soltou um "viva à república", os manifestantes responderam com vidas à anarquia e mortas às "fórcas vivas". Não é verdade. Os republicanos responderam ao vivo levantado pelo Chefe de Estado, enquanto os operários se limitaram a dar palmas, não se tendo por delicadeza manifestado consolo a suas ideias.

\*\*\*

*A Batalha* editou ontem um suplemento que saiu à hora da manifestação. Teve uma grande tiragem de muitos milhares de exemplares, avidamente procurados. Esgotou-se rapidamente.

Os manifestantes levaram-nos até Belém, fixados nos chapéus e em improvisados placares.

\*\*\*

A manifestação, ao entrar no largo de Alcântara, foi recebida entusiasmaticamente por muitas ovarinas. Também grande número de marinheiros e soldados saudaram vibrantemente os manifestantes.

\*\*\*

A manifestação decorreu ordeiramente, envolvendo mesmo um ou outro insigne incidente, inevitável onde quer que haja grandes aglomerados humanos. O povo afirmou mais uma vez que é desnecessária a presença da polícia para manter a ordem. O mais sólido estelo da ordem é a liberdade.

\*\*\*

Fez ontem 6 anos que foi derrubada, no Porto, a caricata monarquia que ficou conhecida pelo pitoresco título de reino da Traulitania. Precisamente ontem se fazia uma manifestação contra o reacionarismo ditatorial das "fórcas vivas". A liberdade comemorava-se com a liberdade! Os manifestantes de ontem são irmãos daqueles que, há 6 anos, no Porto, puseram fim a uma efêmera e ridícula aventura regressiva a um passado definitivamente morto.

#### Um gasto simpático

Veio à nossa redacção Raúl Pinto, eletricista da casa Parry & Son, que não tendo podido acompanhar a manifestação de ontem por ter de concluir um trabalho indispensável à laboração das oficinas, não quis entretanto deixar de manifestar o seu protesto contra os manejos da U. L. E., pelo que contribuiu para os presos por questões sociais com o salário do meio dia que não pôde deixar de trabalhar.

#### União dos Interesses Sociais

Reuniu ontem, tendo, depois de usarem da palavra Amâncio de Alpoim, André Saraiva, Rozendo Viana, João de Oliveira Gonçalves e Virgílio de Sousa, resolvido saúdar o povo que ontem tomou parte na manifestação, e que se nomeasse uma comissão executiva na próxima reunião, delegada dos organismos representados.

Resolveu também resantar amanhã, em vários pontos da cidade, sessões de propaganda.

#### UM MALANDRO!

Um malandro afirmou ontem, num comício do Estoril, que o papel em que era impressa a *"Batalha"* era pago pelo sr. Soto Maior. Declarou igualmente que possuía provas do que dizia. Não convindamos esse malandro a apresentá-las porque as não tem e, principalmente, porque ele se não dará por achado, mantendo-se no silêncio e no anonimato próprio dos caluniadores. Aqui há tempos, a propósito dum caso semelhante, fizemos um convite ao dr. Amor de Melo, sem que tivéssemos obtido qualquer resultado. Os pulhos não há outro remédio senão tratá-los e considerá-los como tal.

#### A guerra em Marrocos não cessará

TANGER, 12.—Os rebeldes marroquinos chegaram às proximidades da zona internacional, considerando-se iminente a continuação das hostilidades com as fórcas espanholas.—(L.)

#### A reforma da legislação penal na Dinamarca

O actual governo dinamarquês, que há tempos apresentou um projecto para o desarmamento completo do seu país, acaba de propor uma reforma na legislação criminal.

São sensivelmente diminuídas as penas para os delitos cometidos contra o Estado.

Em compensação são aumentadas as penas para crimes contra as mulheres e crianças.

A especulação, as fraudes nos gêneros de primeira necessidade são punidos com uma grande severidade.

E aboliu a pena de morte.

#### A ARTE E OS ARTISTAS

Inaugura-se hoje, no Salão Bobone, a exposição de pintura do artista sr. Simão da Veiga.

A exposição encerra no dia 21 do corrente.

## NA UNIÃO DOS INTERÉSSES ECONÓMICOS

### Começam a surgir os descontentes

Sabemos que uma parte dos mais modestos comerciantes, a quem já está agravando a luta que se está acentuando entre o comércio e o povo consumidor, começo a manifestar-se, embora surdamente, contra os responsáveis por essa atitude bálica das "fórcas vivas", não ocultando o seu desagrado pela ação comprometedora de Pereira da Rosa, Alfredo Ferreira e Roque da Fonseca, os principais *meneurs* do movimento.

De mais a mais, dizem esses mesmos comerciantes, no fim de contas aqueles que botam figura, ascendem às melhores posições quando arranjam a vidinha; e elas, os mais modestos comerciantes, que são a maioria, mais uma vez servem de degraus.

Por outro lado, segundo nos informam, também na célebre União dos Interesses Económicos já começa a surgir a intriga porque todos os mandados querem ser deputados.

Já estão certas as candidaturas dos srs. Levi Marques da Costa, Pequeno Rebelo, e Trindade Coelho, mas há grandes preocupações devido à dificuldade em garantir círculos para Pereira da Rosa, Alfredo Ferreira, Amzalac, e o indispensável e importante Roque, que também quer salvar a Pátria.

O pior é que o pequeno comerciante e o pequeno industrial começam a perceber que apenas estão servindo de instrumento para esses exploradores sopram a sua vaidade e despeito!

Que pena que as eleições não possam ser marcadas para os dias de Carnaval!

### Um senhorio ganancioso

N Avenida Duque de Ávila, torneando para a rua Marques Sá da Bandeira, existe um magnífico prédio de 4 andares e sótão com o n.º 124 e pertencente ao sr. Afonso Vilal, engenheiro e professor dum dos licenciados.

A todos os inquilinos que ali habitam, e alguns desde a sua construção, 1915, fôlegos entregou no acto do arrendamento um quarto no sótão para arrumações.

Pois pretendia agora o senhorio esbalar os inquilinos daqueles quartos, e para isso ordenou ao porfírio e a mais quatro trabalhadores da sua quinta, que é horas e em que os inquilinos se encontravam nas suas ocupações, assaltassem e arrombassem as portas dos referidos quartos e puzessem tudo que ali estava arrumado no saguão, tendo sido recomendado aos assaltantes que o fizessem sem barulho para que não desse nenhuma vista a qualquer das famílias ali moradoras.

Dado, porém, o alarme, foram avisados pelo telefone alguns dos inquilinos, que imediatamente compareceram com um advogado, não conseguindo o senhorio desocupar senão dois quartos, dos quais levaram as respectivas portas. Os inquilinos apresentaram queixa em juiz contra o senhorio.

### Faça-se justiça

Manuel Mendes, que se encontra preso na enxovia n.º 2 da Cadeia Civil do Porto, foi condenado em 27 de Janeiro de 1919 a quatro anos de prisão maior celular ou em seis anos de degrado. Não foi ainda remetido ao seu destino por falta de saída; entretanto decorreram já quatro anos sobre o seu julgamento e mais de seis desde a sua prisão. Deveria portanto ter já sido posto em liberdade, pois a pena a que o condenaram está já bem cumprida. Porque o não

entendemos?

Concordo com os protestos dos trabalhadores?

Concordo com todos os protestos justos.

Concordo com os protestos dos trabalhadores?

Concordo com todos os protestos justos.

Quando, v. ex., foi governador civil de Lisboa e me mandou prender, não foi porque eu pretendesse matar—engraçado pretexto!—o herói Cunha Leal, então presidente de ministros, mas, simplesmente, porque eu, a jantar num restaurante da Baixa, trocara várias impressões com um ilustre africano e das colheras que o sr. Cunha Leal apixonava-se tanto pelo jogo em Loanda que até por lá se lançou num desfale, arrumado, generosamente por amigos de s. ex.».

### Os políticos

Pelo sr. Armando de Azevedo foi editada uma carta aberta ao sr. Agostinho Lanza, a propósito da sua questão com Cunha Leal, da qual julgamos interessante registrar o seu conteúdo:

"Quando, v. ex., foi governador civil de Lisboa e me mandou prender, não foi porque eu pretendesse matar—engraçado pretexto!—o herói Cunha Leal, então presidente de ministros, mas, simplesmente, porque eu, a jantar num restaurante da Baixa, trocara várias impressões com um ilustre africano e das colheras que o sr. Cunha Leal apixonava-se tanto pelo jogo em Loanda que até por lá se lançou num desfale, arrumado, generosamente por amigos de s. ex.».

### Revista do Algarve

Está publicado o primeiro número da *Revista do Algarve*, uma das melhores publicações que, no género, ultimamente tem publicado.

E' dirigida pelo sr. António de Monsanto e traz colaboração de Julio Dantas, Julião Quintinha, Sousa Costa, Cândido Querido, João Lúcio, João Fernandes, José Dias Ganhão, Assis Esperança e muitos outros escritores algarvios.

O aspecto gráfico também é interessante, composto com belas fotografias do Algarve e desenhos de Bernardo Marques e Roberto Nobre.

Encontra-se à venda em todas as livrarias.

### SOCIALISTAS E COMUNISTAS

#### Far-se há a fusão da II com a III Internacional?

A proposta feita pela delegação britânica, na Federação Internacional de Amsterdão, para que houvesse uma conferência oficial com o Conselho da União Sindical Pan-russa, foi rejeitada por 13 votos contra 6.

No entanto, foi aprovado por 14 votos contra 5 a resolução de admitir a União Sindical pan-russa se esta exprimisse esse desejo.

Neste último caso a Federação Internacional Sindical está pronta a conferenciar em Amsterdão com os delegados russos se a União pan-russa se fizer exprimir esse desejo.

Neste último caso a Federação Internacional Sindical está pronta a conferenciar em Amsterdão com os delegados russos se a União pan-russa se fizer exprimir esse desejo.

Alguns membros da Federação não creem que os russos aceitem, em vista das declarações de Losowsky e outros "leaders" russos e segundo as quais toda e qualquer entidade com Amsterdão, que implicaria a dissolução da International Sindical Vermelha, não podia ser aceite sem a criação dum nova International operária, cuja constituição não se pareceria nada com a de Amsterdão.

E aboliu a pena de morte.

### A Arte e os artistas

Inaugura-se hoje, no Salão Bobone, a exposição de pintura do artista sr. Simão da Veiga.

A exposição encerra no dia 21 do corrente.

## OS INTELECTUAIS E AS OLIGARQUIAS

### O escritor Raúl Brandão afirma a sua solidariedade à causa dos trabalhadores

A juntar aos depoimentos que temos publicado de alguns intelectuais, acerca do movimento oligárquico que ameaça os portugueses, temos hoje um de alto valor mental e moral. E melhor companhia e sanção não poderiam desejá-lo os trabalhadores, do que esta, que hoje registamos, da grande figura de escritor e artista que é Raúl Brandão.

Nesta hora de crise e de perigo para os que aspiram a uma sociedade melhor, o mais notável, um dos mais humanos dos nossos escritores, vem com a sua palavra de artista, velho e glorioso, cabouquieiro das fórcas vivas, não ocultando o seu desagrado pela ação comprometedora de Pereira da Rosa, Alfredo Ferreira e Roque da Fonseca, os principais *meneurs* do movimento.

De mais a mais, dizem esses mesmos escritores, no fim de contas aqueles que botam figura, ascendem às melhores posições quando arranjam a vidinha; e elas, os mais modestos comerciantes, que são a maioria, mais uma vez servem de degraus.

Por outro lado, segundo nos informam, também na célebre União dos Interesses Económicos já começa a surgir a intriga porque todos os mandados querem ser deputados.

Já estão certas as candidaturas dos srs. Levi Marques da Costa, Pequeno Rebelo, e Trindade Coelho, mas há grandes preocupações devido à dificuldade em garantir círculos para Pereira da Rosa, Alfredo Ferreira, Amzalac, e o indispensável e importante Roque, que também quer salvar a Pátria.

Nesta hora de crise e de perigo para os que aspiram a uma sociedade melhor, o mais notável, um dos mais humanos dos nossos escritores, vem com a sua palavra de artista, velho e glorioso, cabouquieiro das fórcas vivas, não ocultando o seu desagrado pela ação comprometedora de Pereira da Rosa, Alfredo Ferreira e Roque da Fonseca, os principais *meneurs* do movimento.

De mais a mais, dizem esses mesmos escritores, no fim de contas aqueles que botam figura, ascendem às melhores posições quando arranjam a vidinha; e elas, os mais modestos comerciantes, que são a maioria, mais uma vez servem de degraus.

Por outro lado, segundo nos informam, também na célebre União dos Interesses Económicos já começa a surgir a intriga porque todos os mandados querem ser deputados.

Já estão certas as candidaturas dos srs. Levi Marques da Costa, Pequeno Rebelo, e Trindade Coelho, mas há grandes preocupações devido à dificuldade em garantir círculos para Pereira da Rosa, Alfredo Ferreira, Amzalac, e o indispensável e importante Roque, que também quer salvar a Pátria.

Nesta hora de crise e de perigo para os que aspiram a uma sociedade melhor, o mais notável, um dos mais humanos dos nossos escritores, vem com a sua palavra de artista, velho e glorioso, cabouquieiro das fórcas vivas, não ocultando o seu desagrado pela ação comprometedora de Pereira da Rosa, Alfredo Ferreira e Roque da Fonseca, os principais *meneurs* do movimento.

De mais a mais, dizem esses mesmos escritores, no fim de contas aqueles que botam figura, ascendem às melhores posições quando arranjam a vidinha; e elas, os mais modestos comerciantes, que são a maioria, mais uma vez servem de degraus.

Por outro lado, segundo nos informam, também na célebre União dos Interesses Económicos já começa a surgir a intriga porque todos os mandados querem ser deputados.

Já estão certas as candidaturas dos srs. Levi Marques da Costa, Pequeno Rebelo, e Trindade Coelho, mas há grandes preocupações devido à dificuldade em garantir círculos para Pereira da Rosa, Alfredo Ferreira, Amzalac, e o indispensável e importante Roque, que também quer salvar a Pátria.

Nesta hora de crise e de perigo para os que aspiram a uma sociedade melhor, o mais notável, um dos mais humanos dos nossos escritores, vem com a sua palavra de artista, velho e glorioso, cabouquieiro das fórcas vivas, não ocultando o seu desagrado pela ação comprometedora de Pereira da Rosa, Alfredo Ferreira e Roque da Fonseca, os principais *meneurs* do movimento.

De mais a mais, dizem esses mesmos escritores, no fim de contas aqueles que botam figura

## MARCO POSTAL

Mexilhão de Correção—Sociedade, 1.º de Janeiro.—Assinatura paga até 30 de Novembro.  
Minge.—V. E. N.—Assinatura fica paga até 12 de Março.  
Portuguese—Agente—Recebida liquidação.  
Símbolos—Agente—Recebida 15/100.  
D. Morais Luis.—O artigo é muito extenso e o assumo já aqui foi largamente tratado pelo nosso redactor-correspondente. A grande quantidade de original acumulado nestes últimos dias impede-nos a sua publicação.

## Agenda de A BATALHA

## CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,34
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,41
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	8	15	22	—	Q. C. dia 8 às 9,70
S.	9	16	23	—	L. C. : 16 : 7,63
T.	10	17	24	—	Q. M. : 23 : 10,11
				—	L. N. : 28 : 3,46

## MARES DE HOJE

Praiamar às 6,21 e às 6,41  
Baixamar às 11,51 e às ...

## CAMBIOS

Países	Comprá	Venda
Londres, 20 dias de vista	6200	6250
Londres, Cheque	6200	6250
Paris	5200	5250
Suica	3200	3250
Bélgica	1200	1200
Itália	8200	8250
Holanda	2200	2250
New-York	2020	2020
Brasil	2250	2250
Noruega	3200	3200
Dinamarca	2200	2200
Praga	2000	2000
Buenos Aires	8200	8240
Viena (1000 coroas)	3200	3200
Rentmarchs ouro	4200	4200
Agio do ouro	2250	2250
Líbano ouro	110.000	113.000

## ESPECTÁCULOS

## TEATROS

500 Luis—A's 21—La Argentinita  
Racial—A's 21,30—Dicky  
Policíaco—A's 21—Mulher Nua  
Trinidade—A's 21,15—La Bayadera  
Ipiranga—A's 21,15—Mola Real  
Erenice—A's 21,15—Susa  
Edu—A's 21,30—Fruto Proibido  
Maria Vitoria—A's 20,30 e 22,30—Res-Vés  
Selene dos Recreios—A's 21—Companhia de circo  
Salão Toy's—A's 20,30—Variedades  
Vil Vicente (la Graca)—A's 21—Cabo Simões  
Sexta Perquê—Todas as noites—Concertos e divertimentos.

## CINEMAS

Olimpia—Chiado Terrace—Salão Central—Cinema Condé—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Promotora de Educação Popular—Cine Páris—Cine Escola—Chantelet—Tivoli—Torreiro.

## MALAS POSTAIS

A expedição de malas postais para Las Palmas, Madeira, e África Oriental pelo paquete "Avocetas" foi adiada para hoje à mesma hora.

## LIMAS

As melhores são das Univas  
Tomé Peixoto  
Vieira de Leiria  
Pedro em Tódas as lojas de ferragens.  
Em preços e tamanhos variados com as melhores marcas registradas cas inglesas.  
Pedidos nos nossos Representantes e Depositários em Lisboa ars. Ferreira & C. Lda—Calçado do Marquês de Abrantes, 138—Telef. C. 1902.

## PEDRAS PARA ISQUEIROS

Meia Auer, assim como rochas ócias e mescinas, tubos, molas, chaminés de 2 a 3 peças, tempos. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosques. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, A casa que fornece em melhores condições.

Não mandem fazer fatos sem fazerem uma visita à Alfaiataria "Centro da Moda", onde se veste com mais economia, elegância e distinção.

Grande baixa de preços  
Também se fazem fatos a feito para homens e senhoras.  
Grande facilidade de pagamento

BAIXA DE PREÇOS  
CAMARADAS !!

NO N.º 60

da rua do Marquês de Alegrete, vende-se toda a existência de calçado a preços convidativos, por motivo de obras  
CAMARADAS! VÃO VÉR

Madeiras

Tabaco 12 palmos.

Solho à Portuguesa.

Fórmio em tóscos e aparelhado.

Preços sem competência.

Vasco Mourão

Rua Nova do Carmo, 35, 2.º

A venda na administração de "A Batalha"

A Anarquia e a Igreja, por Eller, 1500

Folhas Perdidas, por Augusto de Sousa (sonetos, quadras e fados), 1000

O Amor e a Vida, por Campos Lima (contos), 500

se segue: — Gerhardo, filho de Hugh, que morreu o mês passado, sucede a seu pai no feudo de *Heunte-Mont*, que é tributário do condado de Plouernel; vem pagar o direito de vassalagem e prestar fé e homenagem ao seu suzerano. Então um homem ainda moço, com um capacete de couro na cabeça, trazendo ao lado uma comprida espada, saiu do grupo dos personagens que tinham vindo à audiência, avançou com uma grande bolsa cheia de dinheiro na mão, e pô-la suspirando em cima da mesa de pedra, pagando assim o direito de vassalagem devido ao senhor por todo e qualquer vassalo que toma posse da sua herança. Depois, a um sinal do bailio, o castelão de *Heunte-Mont*, tirou o capacete e desafivelou o cinturão da espada humildemente na presença do senhor de Plouernel; tirou o velho, notando que o mancebo, tendo vindo a cavalo, conservava as suas esporas, disse-lhe encolhido:

— Vassalo! atreves-te tu a prestar homenagem e feá a teu senhor com esporas nos saltos?

O castelão reparou esta incongruidade tirando logo as esporas, poze-se de joelhos aos pés de Néroweg, e, de mãos postas, de cabeça-baixa, esperou humildemente que seu senhor houvesse pronunciado a formula consagrada:

— Tu reconheces ser meu vassalo em consequência de possuiras como feudo uma castelania no meu senhorio?

— Sim, meu senhor.

Juras, pela fé da tua alma, continuou Néroweg, juras que nunca pegarás em armas contra mim, e de servir-me e proteger-me contra os meus inimigos?

Juro tudo isso, meu senhor.

Sustenta o teu juramento... alias, uma vez que faltas a él, pertence-me o teu feudo... disse Néroweg.

E voltando-se para o seu bailio, ordenou-lhe

com um gesto que fizesse aproximar outra pessoa.

Gerhardo, levantando-se, calçou as esporas e afivelou o cinturão da espada lançando um último olhar de despedida à bálsia do dinheiro que deixava sobre a

mesa de pedra

gem; ao passo que, por ordem do bailio, avançava inquieta, trémula e com os olhos cheios de lágrimas, uma rapariga ricamente vestida; sua mãe, não menos assustada, a acompanhava. Quando ambas elas se viram alguns passos distante da mesa de pedra, o senhor de Plouernel disse à rapariga:

— Estás decidida a obedecer às ordens do teu suzerano?

— Meu senhor, disse ela com voz débil e suplicante, é impossível eu resignar-me a... — E não pôde acabar, os soluços embargaram-lhe a voz, e, desabafando em lágrimas, encostou a cabeça ao ombro da sua mãe, a qual disse ao conde:

— Meu bom senhor, seja justo e generoso, minha filha ama *Eucher*, um dos seus vassalos; *Eucher* ama não menos ternamente minha filha *Yolanda*, a união de ambos faria a felicidade da minha vida...

— Não... não... exclamou o senhor de Plouernel encolerizado, interrompendo a mãe de *Yolanda*.

*Yolanda*, por morte de seu pai, possui um feudo que

é tributário da minha suzerania: a mim só pertence o

direito e só eu tenho o poder de casar sua filha. Já

lhe dei a escolher, segundo o nosso costume, entre

três dos meus homens de guerra; três homens franceses, isto é, nobres: *Ricardo*, *Enguerrand* e *Conrado*;

mas o velho não tem sessenta anos, faltam-lhe ainda

dois meses, as condições da idade foram pois observadas.

Queres ou não queres aceitar um dos meus

três homens por esposo?

— Ah! senhor, replicou com uma voz suplicante a

mãe de *Yolanda*, ao passo que esta continuava a

sofrer, incapaz de pronunciar uma só palavra, Ricardo

é tórrido e tem cara repugnante; *Conrado* matou sua

primeira mulher num acesso de colera; *Enguerrand*, temido de todos, há de fazer sessenta anos daqui a

dois meses.

— Portanto tua filha recusa casar com um destes

três homens?

— Senhor, ela não quer outro esposo senão Eu

mesmo de pedra

que é digno do amor

que é digno de mim.

— Pelo diabo! basta! exclamou Néroweg VI; se tua filha rezando escolher entre os meus homens, casar com o seu *Eucher*, o feudo pertence-me-há; estou no meu direito... usarei dele!

— Em nome do céo, meu senhor! se se apoderá

de nossa fortuna, de que viveremos nós? Será preciso mendigar o pão quotidiano?

— *Yolanda* levantou o seu belo rosto, palido e banhado de lágrimas, adiantou-se um passo para Néroweg e disse-lhe com dignidade:

— Guarda a herança de meu pai, desejo antes viver miserável com o homem da minha escolha, do que casar com um dos meus homens, que me causam horror.

— Minha filha, exclamou a mãe assita, se desobedeces ao senhor de Plouernel, ah! é a miséria para nós!

— E para mim, minha mãe, casar com um dos três

homens que se me propõe, é a morte! disse a pobre

menina; a um tão odioso casamento, não poderei sozinha!

— Senhor, meu bom senhor! disse a mãe angustiada, digne-se permitir ao menos que *Yolanda* fique solteira. Ah! quer constrangê-la a escolher entre a

nossa ruína e um casamento do qual só a ideia a assusta!

— Nenhum feudo pode ser posse de uma mulher,

disse sentenciosamente o bailio, o nosso uso opõe-se a isso.

— Basta! exclamou Néroweg VI batendo o pé encolerizado; esta rapariga recusa casar com um dos homens que lhe ofereço, logo pertence-me o feudo!

Bailio, tu mandarás esta noite tomar posse da casa e de tudo quanto ali se encontrar!

— Venha, minha mãe, replicou altivamente *Yolanda*

disfarçando a sua dor, nós éramos livres e felizes, esta-

mos tão miseráveis como os servos. E *Yolanda* diri-

giu-se para a porta da sala, seguida de sua mãe, que

murmurava gemendo: — Ai de nós! ficaros na miséria! meu Deus, que faremos?

O senhor de Plouernel sem dúvida se vingaria das

amargas censuras de *Yolanda*, se não fosse distraído

pela repentina chegada de um dos seus homens que, acorrendo, entrou gritando:

— Senhor! senhor! o bispo de Nantes acaba de ser

preso na portagem da calçada... vinha disfarçado em fraude mendicante..., mas *Robim* o Nantez reconheceu o logo, e conduzem o bispo de Nantes em companhia de outros viajantes.

— O bispo de Nantes em

# A BATALHA

CARTA DO PORTO

## Em volta dum rapto

Vai-se esclarecendo o caso da Trindade. — A polícia tinge que investiga

O caso jesuítico da ordem da Trindade continua a dar que falar. E continua a ser debatido porque se vai apurando os motivos que levaram as irmãs de caridade daquela Ordem a engajar a menina Maria Diamantina Cabral.

Os mandamentos da lei de deus consideram um crime a cobiça. Mas como, afinal, essa prática é só para uso externo, que não para o interno, as beatas da ordem da Trindade entraram de fazejar as posses da menor raptada...

De pregunta em pregunta, de investigação em investigação, o beato de célebre ordem em referência chegou à conclusão de que a família da Diamantina possui, no Douro, umas magníficas propriedades...

E' claro: os olhos das madres da ordem esbugalharam-se e espreataram o furo. E' então que muito habilidosamente se preparou o ardil. Metem, cautelosamente, na cabeça da ingénua a «piedosa» ideia de se entregar integralmente a deus, se queria, depois de morta, alcançar o reino da divina glória. Lá seria muito feliz... com Jesus Cristo. Daqui é que surgiu a piada, descrita numa das cartas a que já nos referimos, da Maria Diamantina se haver apaixonado por um homem... Se a vítima cumprisse a vontade das irmãs da caridade da ordem da Trindade, o pai do céu, qual Júpiter voluptuoso, ficaria sendo muito seu amante...

A menina deixou-se seduzir... por estas aspirações «subjectivas». Entregou-se, porém, a deus, mas ficar na Trindade, isso é que podia estragar as ambições «objectivas» das «alcovitárias» fanáticas: ficava muito perto da família e ela poderia, gradualmente, tornar a desviar o pensar da menor...

A poderosa matemática do «venha a nós» religioso deve éste luminoso cálculo: encaxota-se a Maria, que não é Madalena, num compartimento de 3.ª classe—porque ela embarcou em 3.ª classe—e exporta-se para o Convento-colégio da Saravia, de Tuy.

Como eli é herdeira universal dos bens da família, das apetitosas propriedades do Douro, quando a família morrer—e que pena não se lhe apressar a morte—passa tudo para a sua posse. Depois faz-se o resto, isto é: consegue-se que a «religiosa» Maria Diamantina de todos os seus haveres e rendas para a causa de deus...

Dito e feito. Encarregou-se dêsse negócio uma «ilustre» beata, que as autoridades temiam em não querer descobrir, e lá se levou, desde as aréias de Portugal até terras de Espanha, pagando todas as passagens...

Quando se chegasse ao apuro de contas, está bem de ver: metade da herança era para o Colégio-Convento de Tuy e a outra metade para os piratas da ordem da Trindade...

O arranjo, pelo menos por enquanto, gorou-se, mas não inteiramente, porque, segundo a confissão da própria raptada, o colégio jesuítico da Saravia ainda «abichou» um saíote, umas calças e um casaco, para não perder tudo...

Quanto ao resto do vestuário e dos objectos de ouro é que permanecem ainda em completo mistério. «Não os «papariam» as beatas da ordem da Trindade?

A juntar ao verdadeiro móbil desta fachada jesuítica, esqueça-nos dizer que nesta «opereta» católica entrou também um pade que costuma, sem intenção criminosa, já se vê, visitar frequentemente as «adamas» da ordem... que deviam ser obrigadas a pagar os objectos «extraviados» da engajada Maria, além do abuso de, sabendo onde parava a vítima, ter negado à família o seu parente...

Como tudo isto tem dado escândalo, mexem-se influências para que as autoridades não prossigam nas suas indagações, evitando-se maior escândalo ainda. A avaliar pela complacência para com a sequestradora e pela maneira vagarosa, como procede nas suas pesquisas, parece que realmente cedeu aos rogos e às possíveis compensações... da ordem da Trindade e do padre...

Seja tudo pelo amor de deus...

10 de Fevereiro de 1925.

C. V. S.

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

### Messines está descontente

MESSINES, 12.—É grande o descontentamento contra as forças vivas que pretendem fazer baixar os salários enquanto nos preços dos géneros não se verifica melhoria alguma, pois até a farinha subiu já de preço.—E.

A crise em Moura vai agravando-se.

MOURA, 10.—A crise de trabalho vem agravando-se, tanto localidade, bastantes operários se encontram desocupados, em especial rurais.

Em virtude de resoluções tomadas numa assembleia do Sindicato da Construção Civil, foi conselho administrativo desse sindicato, junto da Câmara, acompanhado de 20 operários, pedir para que abrissem os trabalhos que tem paralisados e para que forçasse os proprietários a abrir as suas obras, pedindo assim providências para que se atenuasse esta desoladora situação, pois camaradas há que há dois meses não ganham o sustento para suas famílias.

O presidente da Câmara respondeu que esta não podia continuar as suas obras por falta de obra, mas que ele pessoalmente podia dar trabalho nas suas propriedades com o salário de 7500 do nascer ao por do sol. Disse mais que a Câmara só dava trabalho por empreitada por concurso público (mas o que certo é que a Câmara tem empreiteiro certo) e que ia telegrafar ao governador civil do distrito e ao ministro do Interior pedindo providências.

O presidente da Câmara pretendeu, certamente, escarnecer os trabalhadores, pois o salário que oferece é miserável e não é aceitável a condição de trabalhar do nascer ao pôr do sol.—E.

### CONTRA O MOVIMENTO DAS «FORÇAS VIVAS»

O operariado continua manifestando a sua disposição de lutar encarniçadamente para esmagar uma ditadura que ameaça a sua vida e a sua liberdade

### Um comunicado da Federação Marítima

O Secretariado e restantes corpos gerentes da Federação Marítima felicitam com orgulho entusiástico a maneira elevada e moralmente consciente, como a organização marítima cumpriu o seu dever, na grandiosa manifestação realizada pelo povo trabalhador, mostrando assim compreender nitidamente a missão que lhe está atribuída.

### O protesto dos Corticeiros de Aldeagalega

ALDEAGALEGA, 12.—Reuniu os operários corticeiros desta localidade para apreciarem uma circular da Confederação Geral de Trabalho.

Fizeram uso da palavra vários operários, sendo unanimes os protestos contra a ditadura patronal, aprovando-se uma moção que tinha as conclusões que seguem:

1.º Proclamar alto e publicamente que a maior absolutismo pelos quadrilheiros da União dos Interesses Económicos.

2.º Quando surgir a hora da luta, empregar contra os mesmos, tódas as armas, ainda as mais violentas.

3.º Dar o seu incondicional apoio à C. G. T., para qualquer movimento que a mesma leva à prática, atinente a fazer encolher as garras a todos os bandoleiros do comércio, finanças, indústria e seus sequelas políticos.

4.º Promover uma constante agitação de maneira a todo o proletariado estar vigilante para a luta a travar contra os corvos da União dos Interesses Económicos.

Na mesma ordem de ideias foi aprovado o manifesto dun manifesto ao público de combate à U. I. E.

A sessão foi encerrada com vivas à C. G. T., A Batalha e à revolução social e morras à ditadura patronal.—E.

### Os confeiteiros do Porto pautam a sua atitude de protesto

PORTO, 12.—Na última assembleia geral efectuada na Associação de Classe dos Artistas Confeiteiros e Artes Correlativas, entre outros assuntos de interesse colectivo para os seus associados, foram largamente discutidos os propósitos reacionários da chamada União dos Interesses Económicos, sendo, por unanimidade, aprovada a seguinte moção:

«A Associação de Classe dos Artistas Confeiteiros e Artes Correlativas do Porto, reuniada em assembleia geral, apreciando a ação que se propõe realizar a decantada União dos Interesses Económicos, no sentido de estabelecer uma ditadura patronal com o fim de cercar ainda mais as parcerias conquistadas pelo povo trabalhador e melhor especular com a miséria destes;

Considerando que o povo trabalhador, já farto de sofrer a ditadura financeira dos altos potentados da indústria, comércio e agricultura, não pode agora consentir mais nessa anunciação e nefasta ditadura que restringia numa feroz perseguição ao operariado, como actualmente sucede na Itália, Espanha e outros países;

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, a tentativa de implantar no país a ditadura patronal referida...—C.

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser sentinel vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é actualmente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por tódas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurre